

MARIA INÊS SANTOS

PROJETOS DE VIDA E PERSPECTIVAS FUTURAS:

Um estudo sobre as representações sociais do tempo futuro presentes
nos projetos de vida dos jovens

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção
do título de Mestre em Psicologia da Educação,
sob a orientação da Prof^a Dr^a Clarilza Prado de
Souza

PUC/SP

2002



14713

Comissão Julgadora:

Agradecimentos

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Educação e a todos os amigos que colaboraram para realização deste trabalho.

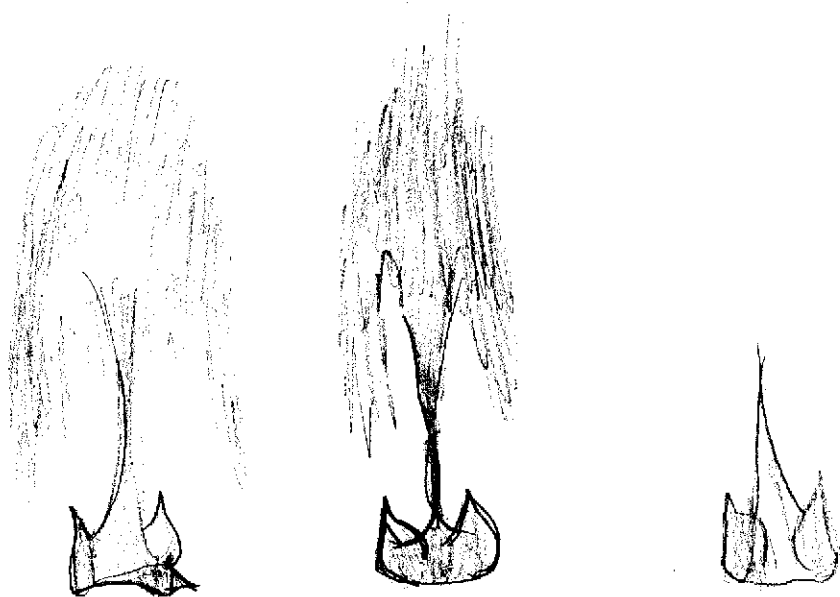
Agradecimento especial:

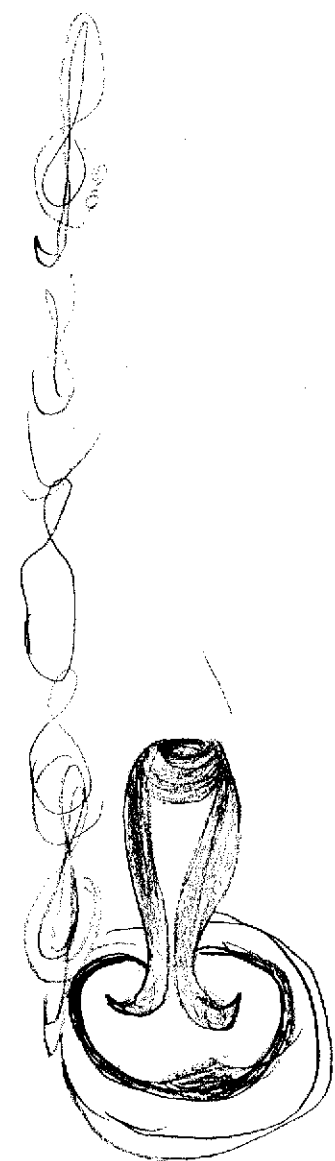
À minha orientadora Clarilza Prado de Souza, pelo compromisso, dedicação e segurança com que me orientou em todas as etapas deste trabalho.

Às doutorandas: Ivany Pinto e Marialva Rossi Tavares, pela contribuição significativa ao nosso trabalho.

Aos amigos Luiz Antonio Rala e Márcia Pacheco pela força e interlocução permanente em todo o processo de construção desta pesquisa.

À todos os jovens que participaram desta pesquisa





Dedico este trabalho a minha família, em especial ao meu pai (in memoriam).



RESUMO

O presente estudo investigou as representações sociais dos jovens sobre o tempo futuro, considerando a proposta educacional do Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP, que consiste na elaboração de projetos de vida.

Este estudo buscou analisar as representações sociais que se formam e as influências que estas possuem nas decisões e nos caminhos que os sujeitos elegem para orientar suas vidas.

Para realização desta pesquisa, foram coletados os dados através da utilização de questionário com perguntas abertas e fechadas, com 73 jovens, alunos do Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP.

A análise dos resultados revelou uma tendência à homogeneização das representações sociais presentes nas projeções de futuro dos sujeitos pesquisados. As representações sociais foram constituídas a partir de vários elementos: formação acadêmica, formação familiar, trabalho, aquisição de bens materiais, concebendo a representação um sentido de auto-realização.

Constatamos, no entanto, a partir dos posicionamentos dos jovens pesquisados, um contraste entre as projeções de futuro pessoal e as imagens de futuro do conjunto social. Tal contraste indica que os obstáculos concretos encontrados são extremamente fortes e as esperanças subjetivas, podendo afetar a autonomia ou a liberdade dos sujeitos para agir dentro dos contextos onde estão inseridos.

ABSTRACT

The present study had investigated the social representations of the young on future time, considering the educational proposal of the Program of Education for the Work, SENAC/SP that consists of the elaboration of projects of life.

This study intended to analyze the social representations that if they form and the influences that these possess in the decisions and in the paths that citizens choose to guide its lives.

For accomplishment of this research, data had been collected through the use of questionnaire with closed and open questions, with 73 young, pupils of the Programa of Education for the Work – SENAC/SP.

The analysis of the results unveiled a trend to the homogenization of the social representations existing in the projections of future of the searched citizens the social representations had been build up from some elements: academic formation, familiar formation, work, acquisition of material goods, conceiving the representation of a direction of self-accomplishment.

We evidence, however, from the attitudes of the searched young, a contrast between the projections of personal future and the view of future of the social set. Such contrast indicates that concrete obstacles are extremely strong and the subjective hopes, affecting the life or the freedom of the citizens to act inside of the contexts where they act.

SUMÁRIO

<i>INTRODUÇÃO</i>	01
1. <i>DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE VIDA: UM OBJETIVO EDUCACIONAL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL</i>	06
2. <i>A CULTURA EM PROJETOS E SUAS IMPLICAÇÕES</i>	11
2.1 Recurso à história.....	11
2.2 Projeto de Vida.....	17
2.3 Aproximações com Projeto de Vida.....	17
3. <i>REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROJETO DE VIDA</i>	21
3.1 Conceituação da Representação Social.....	24
3.2 Objetivação e Ancoragem: Processos Fundamentais de Elaboração da Representação Social.....	27
4. <i>PROPOSTA METODOLÓGICA</i>	30
4.1 Instrumento de Coleta de Dados.....	30
4.2 Os Sujeitos da Pesquisa.....	32
4.3 Procedimentos Metodológicos.....	34
4.4 Procedimentos de Análise dos Resultados.....	36
5. <i>ANÁLISE DOS RESULTADOS</i>	42
5.1 Associações Livres com as Palavras Indutoras: Passado, Presente e Futuro.....	42

5.2 A Orientação Temporal na Percepção dos Sujeitos Pesquisados.....	46
5.3 Perspectivas Futuras.....	54
5. <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	76
8. <i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	80

INTRODUÇÃO

A cena é um campo de batalha no qual se digladiam as forças do passado e as forças do futuro; entre elas encontramos o homem que Kafka chama de "ele", que, para manter o seu território, deve combater ambas (...) A parábola de Kafka é a seguinte: Ele tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários (AREN'D, 1992; p.33)

O interesse pelas questões da juventude vem assumindo no Brasil crescente relevância. Segundo CERVINI (1996) as preocupações registradas em inúmeras pesquisas sobre a juventude em todo mundo focalizam a significativa defasagem entre crescimento econômico e acesso aos benefícios sociais.

Também no Brasil, as últimas décadas notificam as condições socioeconômicas perversas a que está submetida à maioria das famílias, a dificuldade de acesso aos direitos da cidadania, como igualdade perante a lei e as instituições sociais e o acesso às oportunidades sociais – escola, trabalho, cultura, lazer, comunicação, etc.

Estes desajustes sociais têm levado a um quadro de evasão escolar, desqualificação profissional, violência, drogas, entre outros. Segundo artigo

trabalho para jovens

publicado no Jornal Correio Popular¹, o Brasil apresenta uma estatística educacional assombrosa. Constituído por 59 milhões de crianças e adolescentes, 41% desta população está entre 0 a 17 anos. Somente 1% dos jovens chegam à universidade e de cada mil crianças que ingressam na escola, 400 concluem o primeiro grau.

O desafio de nossa pesquisa situa-se no contexto de preocupações que têm como pano de fundo os contrastes entre as aspirações de desenvolvimento dos jovens de famílias de baixa renda e os desajustes macrossociais: desemprego, exclusão vivenciada em todas as sociedades, guerra econômica, aumento da dívida externa, ampliação e expansão do armamento atômico, ampliação das guerras, entre outros.

As razões que nos levaram a esta investigação repousam sobre o nosso interesse em compreender mais profundamente as representações sociais do tempo futuro que emergem nos projetos de vida dos jovens frente a estes contrastes e as influências que estas possuem nas decisões e nos caminhos que os sujeitos elegem para orientar suas vidas.

Este trabalho resultou de pesquisa realizada com 73 jovens de 14 a 18 anos, que freqüentam regularmente o Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP e as escolas públicas na região leste de São Paulo. O Programa é oferecido aos jovens de família de baixa renda e apresenta como objetivo principal o desenvolvimento de competências básicas para o trabalho e o desenvolvimento de projetos de vida dos jovens.

Nesta pesquisa, buscamos investigar as representações sociais do tempo futuro, que se apresentam nos exercícios de elaboração de projetos de vida dos jovens, ou seja, interessa-nos saber: Quais são as representações sociais do tempo

¹ Artigo Publicado no Jornal Correio Popular, Campinas – SP 26/03/01

futuro presente nos projetos de vida dos jovens de 14 a 18 anos, alunos do Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP, entendendo que estudar as representações sociais significa verificar quais são os referenciais sociais que determinado grupo assume diante de aspectos destacados da prática da sociedade.

A definição deste objeto de estudo e a adoção do referencial teórico apoia-se na consideração de que o futuro que os jovens são levados a projetar, através de seus projetos de vida, não é neutro. Este se enraíza no complexo movimento pelo qual o sentido dos objetos toma forma para o sujeito, orientando-lhes a comunicação e as condutas.

As indagações que deram origem a esta pesquisa, levou-nos a realizar algumas investigações preliminares com os jovens do Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP, com o objetivo de compreender o eco que estas suposições teriam com os jovens com os quais trabalho. Convidamos quatro jovens para uma entrevista individual com duração de aproximadamente 40 minutos. Buscamos investigar o significado do futuro presente em seus projetos de vida. O resultado deste estudo exploratório pareceu refletir as significações que vínhamos observando. O futuro apareceu como construção de responsabilidade exclusivamente individual, na qual coexiste a possibilidade de ser alguém na vida:

O futuro é o que você mesmo determina, você cria, como poderia explicar, nós o fazemos, é uma coisa nova, uma experiência nova, você vai convivendo aos poucos e vai montando o seu próprio futuro para mais tarde se tornar alguém ou não, tudo depende da sua força de vontade (CB)

O futuro foi também identificado como uma ameaça para aqueles que não se preocupam enquanto são jovens. Acredita-se que as ações no presente devem

servir exclusivamente para garantir a felicidade num tempo que virá. “Acho que o futuro é o que você tem que estar fazendo hoje para não sofrer mais tarde e para ser feliz”. (ABS). Podemos constatar que o futuro, na visão dos jovens deste estudo exploratório, apresenta-se como uma referência essencial para a consecução das aspirações e de suas atividades. Acreditamos que esta referência vem sendo construída pela integração das experiências dos sujeitos, das informações que circulam no seu meio, bem como das relações que se estabelecem com outros homens e com o seu ambiente.

Procuramos expor nesta pesquisa os resultados de nossos esforços, no sentido de compreender as representações sociais do tempo futuro a partir do recorte histórico de projetos, suas implicações e os posicionamentos dos sujeitos pesquisados. A identificação de tais representações visa contribuir com as propostas pedagógicas, para que estas venham propiciar ao sujeito condições de localizar, em suas representações os riscos e oportunidades que estão implicitamente contidos em seus projetos de vida.

Como resultado desse trabalho de estudo e pesquisa, apresentaremos a exposição em 6 capítulos:

No **Capítulo 1** – *Desenvolvimento de Projeto de Vida: um objetivo educacional no campo da educação não-formal*, buscamos situar o campo de desenvolvimento do Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP e da pesquisa em questão.

No **Capítulo 2** – *A Cultura em Projetos e suas Implicações*: debruçamo-nos sobre o processo de evolução do projeto na história, como forma de

compreender a passagem de uma proposta de ações coletivas para uma proposta de ações individuais e como o projeto se tornou uma referência reconhecida.

No **Capítulo 3** – *Representações Sociais e Projetos de Vida*, apresentamos o referencial teórico adotado nesta pesquisa.

No **Capítulo 4** – *Proposta Metodológica*, identificamos os procedimentos utilizados: como foi realizada a pesquisa, como foram escolhidos e quem são os sujeitos desta pesquisa.

No **Capítulo 5** – *Análise de Dados*, apresentamos a análise dos dados realizada através da utilização do método VERGÉ, ALCESTE e Categorias levantadas pela pesquisadora.

No **Capítulo 6** – *Considerações Finais*, tecemos reflexões sobre os dados levantados.

1. DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE VIDA: UM OBJETIVO EDUCACIONAL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Nesta pesquisa, tomamos como referência um dos objetivos do Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP, que visa, enquanto ação educativa, o desenvolvimento de Projetos de Vida de Jovens. A definição dos objetivos do programa configurou-se a partir das definições sobre as Novas Necessidades Básicas do Cidadão¹, prevista no artigo primeiro da “Declaração Mundial sobre Educação para todos” (TORRES, 1994; p. 56):

Toda pessoa – criança, jovem ou adulto – deverá ter condições de aproveitar as oportunidades educativas oferecidas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades incluem tanto as ferramentas essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a resolução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (conhecimentos teóricos e práticos, valores e atitudes), necessárias para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas capacidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua vida, tomar decisões fundamentais e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem e a forma de satisfazê-las variam de acordo com cada país e cada cultura e mudam inevitavelmente com o decorrer do tempo.

O Programa Educação para o Trabalho foi elaborado e desenvolvido pelo CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA PARA O TRABALHO – SENAC/SP, que situa as suas ações no campo de educação não-formal, alinhando-se

¹ Documentos elaborados na Tailândia, em 1990, denominados “Declaração mundial sobre educação para todos” e “Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem”

constantemente às tendências e necessidades sociais. A educação não-formal, segundo autores como GOHN (1999), SILVA (1996), é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos, pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem de forma isolada, ou em contato com grupos e organizações. A aquisição de novos saberes ocorre no plano da comunicação verbal oral, carregada de todo conjunto de representações e tradições culturais que as expressões orais contêm.

GOHN (1999), afirma ainda, que a educação não-formal designa um processo com quatro campos ou dimensões. O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadão, ou seja, o processo visa gerar a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cercam por meio da participação em atividades grupais. O segundo refere-se a capacidade dos indivíduos para o trabalho, por meio do desenvolvimento de suas potencialidades. O terceiro, aborda a aprendizagem e exercícios de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos e finalmente o quarto refere-se a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em espaços diferenciados.

Para a autora, a importância da educação não-formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos.

O agir comunicativo dos indivíduos, voltado para o entendimento dos fatos e fenômenos sociais cotidianos, baseia-se em condições práticas, muitas delas advindas das tradições culturais e das condições histórico-sociais de determinado tempo e lugar. (GOHN, 1999; p.104)

Fundamentalmente, a relação entre os objetivos da instituição SENAC e educação não-formal, faz-se pela promoção de pessoas para o mercado de trabalho formal e não-formal e para a melhoria da qualidade de vida, frente às grandes alterações ocorridas no plano econômico e social. Neste campo de atuação, buscamos desenvolver uma educação integrada à vida, que se traduz em termos de conteúdo da educação em plano individual e coletivo. No plano individual, os atores sociais são encorajados a desenvolver o conjunto de suas potencialidades, envolvendo o aprimoramento do auto-conhecimento e maior clareza na identificação de metas e expectativas, transformando o confronto desses elementos em projetos de vida; já no plano coletivo, enfocamos a relação desses atores com as questões que permeiam a comunidade no qual vivem e a sociedade de uma maneira geral.

A trajetória da Instituição SENAC mostra-nos que os programas educacionais, desenvolvidos a partir de medidas sócio-educativas, decorrem desde a década de 70, ganhando maior visibilidade a partir dos anos 90. Nesta década, criou-se uma unidade especializada em medidas sócio-educativas, destinada, exclusivamente, a atender a população de baixa renda, jovens e adultos, desempregados e aprendizes entre outros.

Evidentemente as formas de atuação e os objetivos traçados pela instituição acompanham todo o movimento e os avanços deste campo de atuação, seja pelas circunstâncias históricas que a constituíram, seus métodos e principalmente a sua consolidação.

Neste quadro de referência, GOHN (1999) evidencia que a educação não-formal ganhou um grande destaque, a partir dos anos 90, em decorrência das mudanças econômicas na sociedade e no mundo do trabalho. A educação passou a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar grande importância aos

valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. A autora, também, evidencia que nos anos 90, pesquisadores retomam a Conferência da ONU, a partir da análise da crise do desemprego provocada pelas políticas globalizantes, de caráter excludente e redesenham, um novo modelo para a área da educação:

Proclama-se o poder do conhecimento e não mais da economia. Exige-se das pessoas novas habilidades, entre elas a de gestão. Não importa mais possuir um grande acervo de conhecimentos, mas sim o domínio de certas habilidades básicas, tais como comunicar-se, domínio da linguagem das máquinas e, sobretudo, habilidade de gestão (de gerir sua própria vida e carreira, equipes, conflitos, etc), ou seja, todos têm de planejar e administrar suas vidas e carreiras. (p. 95)

Neste cenário, as demandas educativas são múltiplas: reciclagem, aperfeiçoamento, atualização, especialização, etc. e muitas delas não se situam na área da educação formal, na escola regular, mas na área de atuação das Organizações não-governamentais, associação de bairro, igrejas, sindicatos, espaços-culturais, partidos políticos, espaços culturais, etc. A busca do atendimento desta demanda, passou então a consolidar o campo da educação não formal.

A educação não-formal tem como objetivo criar condições para o desenvolvimento dos indivíduos e atender as demandas sociais, utilizando-se de espaços alternativos, conforme nos aponta GOHN (1999). O CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA PARA O TRABALHO – SENAC/SP, enquanto um espaço alternativo para o atendimento de tais demandas, tem buscado desenvolver propostas, estratégias e metodologias para atender o novo modelo redesenhado para a área da educação. O exercício de elaboração de projetos de vida, aparece então como um instrumento para o desenvolvimento das habilidades de gestão dos

indivíduos. No entanto, faz-se necessário destacarmos a relevância de pesquisa que focalize os indivíduos na relação com o desenvolvimento das propostas educacionais, na medida em que estas, conforme assinalada por GOHN (1999), aparecem essencialmente como alternativas para superação da crise econômica e social em que vivemos.

2. A CULTURA EM PROJETOS E SUAS IMPLICAÇÕES

A nossa vida cotidiana encontra-se, atualmente ligada a diferentes Projetos: Projeto Pedagógico, Projeto de Pesquisa, Projeto de Empresa, Projeto Arquitetônico, Projetos de Lei, Projeto Econômico, Projeto Técnico-Industrial, Projeto de Vida, entre outros. Projeto em qualquer uma das situações indica construção em direção ao futuro, e na maior parte das vezes, com conotações largamente positivas.

Rastreando um pouco a evolução do conceito de Projeto na história, buscamos compreender em seu significado as esperanças, as expectativas e as visões de mundo e de futuro que ele permite estruturar.

2.1 Recurso à história

O termo projeto aparece citado de uma forma regular, no decorrer do século XV sob a forma de *pourjet* e de *project*, possuindo conotações de ordem espacial em ligação com a etimologia latina do verbo *projicio* (projetar, expulsar). No Francês do Século XIV e XV, *pourjet* ou *project* designou elementos arquiteturais de uma significação essencialmente espacial de lançado à frente. (MACHADO 2000).

No terreno etimológico, no entanto MACHADO (2000) identificou duas famílias de proximidades que podem contribuir para uma explicitação da idéia de projeto: o prefixo se articula com os significados de *problema* - algo que se apresenta diante de nós, uma dificuldade objetiva que deve ser assumida subjetivamente, e *programa* que se origina de *gramma* e representa uma exposição sumária, feita antecipadamente, de algo que se intenta oferecer. A raiz partilha uma ambigüidade com palavras como *sujeito*, *objeto*, *trajeto*. No sistema de proximidade associado à raiz, indica o autor, as palavras *sujeito*, derivada de *subjectus/subjicere*

significa lançado de dentro, de baixo, ou do fundo – a palavra objeto derivada de *objectum/objicere*, significa lançado adiante, e trajeto que deriva de *trajectus/trajectare* e significa passagem através de.

Para o autor, todas as palavras especificadas possuem significados relativamente ambíguos, entretanto longe de se constituírem um problema, tais noções abrem caminho para articulações entre elementos pares como sujeito/objeto, interior/exterior, forma/conteúdo, individual/social.

A consulta de autores como MACHADO (2000), BOUTINET (1990), ^{Verbo} mostram-nos que o conceito de projeto aparece historicamente como um conceito instável e multidimensional, carregado de pressupostos da cultura circundante.

TOURAINE (1973 apud BOUTINET 1990), aproximou o projeto a um construto sociológico afirmando que estes não dizem respeito ao funcionamento da sociedade, mas à historicidade, às formas e as orientações da ação que ela exerce sobre si própria, pelo conhecimento, pela acumulação e pelo modelo cultural.

O percurso histórico mostra-nos também que a multiplicidade de projetos que hoje se apresentam em nossa sociedade é uma questão moderna. Segundo BOUTINET (1990), o projeto vivido pelas sociedades tradicionais, possuíam um sentido diferente do que conhecemos na atualidade. Sua dimensão era pensada a partir de uma concepção coletiva, e como tal, exercia um papel central e determinante, de um ator individual, munido de autoridade, representando o papel de catalisador que, conjugava a partir das expectativas sociais, o coletivo de ação.

Segundo MACHADO (2000), na Grécia antiga (Séculos III e IV a.c.), apenas 6 ou 7% da população cabia ocupar-se com projeto. Somente aos políticos era concebido os direitos e responsabilidade para com o futuro da polis: “... de uma forma ou de outra, em diferentes períodos ou culturas, a responsabilidade pelos

projetos coletivos era limitada pelas estruturas de classe".(p.20). Na Grécia, quem não era político, era chamado de *idiotes*, de onde se originam palavras como idiotas. Aos idiotas cabia apenas preocuparem-se com eles mesmos, com a manutenção da suas próprias vida.

Na Idade Média (Séculos V-XIV), a idéia de projeto mantém-se estranha ao pensamento medieval, marcado pela mentalidade da maior parte das sociedades tradicionais, pelo tempo agrário, tempo repetitivo, tomado pelo cuidado em conservar os valores culturais herdados do passado. Para TOFFLER (1977; p.33), tais valores eram repassados de pais para filhos sem uma preocupação com o futuro: *"O pai ensinava ao filho como escavar um bote e tinha em mente a imagem do futuro em que o filho viveria, supondo que o futuro repetiria o presente, como tal o presente repetia o passado"*

Segundo BOUTINET (1990; p.301), assim como na Grécia Antiga, na Idade Média *"somente as pessoas em posição de exercer sobre os seus semelhantes autoridade e responsabilidade podiam permitir-se transcender as regras do consenso para construir projetos"*.

Nos final do século XVII e início do século XVIII, época em que emergiu a necessidade de emancipação e progresso, pensadores e filósofos foram levados a teorizar sobre este conceito, utilizando, pela primeira vez, o termo projeto com a significação de progresso. O projeto e progresso estão associados no sentido de testemunhar esta capacidade do homem para fazer história e, por meio dela, o seu profundo desejo de se realizar a si próprio.

Em pesquisas sobre a antropologia do projeto, BOUTINET (1990) buscou identificar a sua origem, evolução e características, constatando uma significativa modificação, ainda no Século XX, quanto ao sentido atribuído a projeto.

Neste estudo o autor nos mostra que a idéia contemporânea de projeto, na perspectiva de organização individual de ações para atingir um objetivo futuro começou a se configurar em meados do século XX. O mesmo autor nos chama atenção, sobretudo, para a atração que o projeto exerce sobre os modos de vida atuais. Considera que de certa forma movemo-nos numa cultura de projetos: *“A sociedade pós-industrial se desenha desde estes últimos anos cada vez mais como uma sociedade de acumulação de projetos”* (p.141)

O projeto mudou de significação entre os decênios 1960-1970, quando era apreendido, ainda de maneira global (coletiva), para se orientar para o local (individual). Segundo o autor, o projeto teve um significado de progresso e como tal, em função da expectativa otimista e global de uma evolução, de uma transformação necessária do presente em direção às sociedades futuras, cujos estágios de desenvolvimento se pressupunha superarem as distorções e as falhas da atualidade. Acreditava-se que o assomo do futuro projetado questionava, sobretudo as amarras de um passado já realizado. O projeto constitui-se enquanto um instrumento apropriado para o desenvolvimento tecnológico. O projeto coletivo traduziu a orientação de uma sociedade em mutação que buscou o sentido, para que o progresso tecnológico fosse subordinado ao progresso coletivo. O sentido do projeto coincidiu com a sua função crítica, que lhe faz contestar um certo estado de coisas existentes.

A chegada da crise socioeconômica fez romper este projeto coletivo. O projeto, na cultura tecnológica em crise, abandona a sua vertente otimista e a sua visão social para se orientar sobre as microrrealizações.

Esta nova configuração exige, em diferentes locais, aos indivíduos e aos grupos, a realização de um projeto. O projeto, neste novo contexto, frente à tensão

social, constitui como forma de voltar a dar esperança aos atores, como também estimular o imaginário e a criatividade para que se invente soluções para sair dos impasses atuais.

Segundo BOUTINET (1990), o projeto exprime uma vontade de liberdade face a um estado social tornado opressivo pelo progresso tecnológico. Para o autor, não se invoca mais o projeto para orientar o crescimento, ou para exercer uma função crítica, mas como um álibi possível, substituto de soluções momentaneamente impossíveis de se encontrar.

Em consonância com o autor, GUICHARD (1993) afirma que até a primeira metade do século XX o projeto se revelou como uma categoria essencial e que nos últimos anos esta noção ganhou um grande impulso dentro dos domínios mais variados da vida cotidiana. Para o autor:

Tanto dentro da esfera geral da sociedade como dentro do setor privado, o projeto representa hoje a afirmação de valor. O projeto é quem permite remediar um estado caracterizado por insuficiências: taxa de desemprego, não-competitividade, desorganização da produção, regressão escolar, angústia quanto ao futuro, etc.(p. 14)

Ao levantar as características de projetos, BOUTINET (1990), buscou compreender como a figura de projeto, apresentada a partir de uma concepção de emancipação e criação, vem transformando-se, no Século XX, em seu inverso. Para o autor:

- Os atores sociais são colocados na obrigação de elaborar seu projeto de existência: *“a imposição paradoxal empurra os fora-de-projeto da nossa cultura (jovens mal escolarizados, desempregados), a construir, para si próprios, um projeto que não terão, na maior parte dos casos, meios para realizar, por*

diferentes razões, relacionadas quer com as especificidades da sua história pessoal, quer com as possibilidades limitadas oferecidas pelo seu meio ambiente”(p. 9)

- O ativismo a qual sucumbem os indivíduos levam: *“a desvalorização da ação, que se deixa aniquilar pelo ativismo, no qual o que conta não é mais a coerência e a pertinência da iniciativa determinada, mas a capacidade para esboçar novos empreendimentos” (p. 9);*
- A negação do laço social: *“Cada projeto e a sua própria lógica, como aquela dos atores que o promovem, quer-se autônoma em relação ao ambiente social e não ter contas para prestar senão às instâncias de avaliação que os próprios atores previram para este efeito”(p. 11).*
- A cópia/reprodução, com grande número de elementos emprestados, que para os atores sociais, são elementos estranhos: *“em muitos casos, a elaboração é imposta, não tendo tempo para explorar convenientemente aquilo que constitui a singularidade da situação sobre a qual foram supostos inserir-se” (p.12).*

Os aspectos identificados pelos diferentes autores apontam para complexidade em que está imerso o conceito de projeto e a secreta convivência entre o futuro prospectivo e a figura do projeto. Ao considerar os funcionamentos sociais da era pós- industrial, tomado por um contexto social de tensão e exclusão social, os projetos podem promover representações de homem ou de seu futuro que são compreensões inadequadas e assim podem paralisar as ações dos indivíduos.

2.2 Projeto de Vida

Todo projeto, independentemente das figuras que pontuam a nossa vida cotidiana, envolve necessariamente um ser que inscreve suas atividades numa certa concepção de tempo. Embora o projeto constitua-se por uma relação significativa entre o sujeito, o passado, o presente e o futuro, efetivamente privilegia esta última dimensão. Conforme nos aponta CARVALHO (1992), o futuro aparece, na esfera da vida humana, como referência essencial para a consecução das aspirações e das atividades dos indivíduos.

Neste âmbito, buscaremos as aproximações com projetos de vida, no intuito de compreender a relação do sujeito com as perspectivas de futuro.

2.3 Aproximações com Projeto de Vida

Uma das características essencialmente humanas é a capacidade de elaborar projetos. MACHADO (2000), afirma que o homem não é só capaz de projetar como também de viver sua própria vida como um projeto.

O trabalho com projeto de vida permite aos indivíduos, atingido um certo estágio do seu percurso, antecipar a seqüência seguinte. Esta antecipação serve para definir as condições de escolha e de orientação que se colocam nas etapas-chave da existência quando esta se desenvolve num meio tecnológico. Podemos considerar que não somente os adolescentes estão submetidos ao imperativo do projeto, mas a própria chegada à terceira idade reclama que o indivíduo possa prever e organizar o seu período de vida. O imperativo do projeto de vida é colocar os indivíduos em posição de elaborar escolhas, se reconhecerem como autores da

sua própria orientação de vida. O projeto fundamentalmente deve fornecer orientação e significação à vida dos atores sociais.

CASTANHO (1988) considera que exista uma necessidade inerente às pessoas de se posicionar, organizar e direcionar sua vida. Para a autora, o Projeto de Vida é a organização daquilo que o indivíduo vai fazer no espaço de tempo que tem para viver. O Projeto de Vida estaria ligado a uma série de variáveis. Na sua estruturação sofreria influência das expectativas que os pais, parentes, e a sociedade, de uma maneira geral, têm sobre este indivíduo, bem como das suas concepções a respeito de si mesmo e dos outros.

Para BOUTINET (1990), a função do Projeto de Vida é procurar, nos motivos que o indivíduo dá, as razões que evoca para agir. Estes motivos entrecruzam-se em três níveis diferentes: o nível histórico, o nível psicológico e o nível sociológico:

- O nível histórico refere-se à história pessoal do sujeito, a qual faz entrever os motivos como um conjunto de justificações engendradas pela história e pelos seus diferentes modos de estruturação;
- O nível psicológico diz respeito à psicologia momentânea do sujeito e tenta articular, no seio de uma certa coerência as razões que o sujeito pode explicitar. Este imperativo pressiona o sujeito nos seus entrincheiramentos conscientes para ajudá-lo a fundar, com suficiente clareza e certeza, as justificações que possui para se lançar num projeto;
- O nível sociológico estaria ligado aos fatores ambientais, por modos ou modelos culturais que se exprimem ou se contestam, segundo a posição ocupada pelo sujeito.

Nesta perspectiva torna-se importante destacar a natureza de todo projeto de vida. Segundo CARVALHO (1992), embora tal projeto seja elaborado pelo sujeito

para si mesmo, considerando os três diferentes níveis de estruturação – histórico, psicológico e sociológico - este possui um caráter individual e social. Considera-se social pelas estimulações de que procedem, os modelos e referências de que se alimentam; e individual pela sua intenção de realização de si.

Em consonância com o autor, BOUTINET (1990), afirma que não existe projeto fora da vida social. O projeto vai estruturar-se e ganhar consistência no seio da interação e/ou confrontação entre o agente e os atores que o rodeiam, segundo a força das oportunidades encontradas. O autor do projeto deverá contar com um ambiente de atores ocupando posições variadas; pessoas que funcionam como recurso, pessoas confrontantes, que vão contrariar os desígnios do autor, assim como atores indiferentes. Para o autor, reconhecer esta variedade de atores que o circundam é conferir mais consistência ao seu projeto.

BOUTINET (1990), evidencia que a elaboração de Projetos de Vida pode se dar em qualquer fase de nossa existência, entretanto, podemos encontrar em diferentes sociedades uma maior valorização no que diz respeito à elaboração de projetos na fase correspondente a juventude. Para o autor, esta valorização decorre do fato de a passagem para a vida adulta ser cada vez mais problemática pelo confronto com as expectativas sociais, pela expectativa de inserção imediata numa atividade produtiva e também porque a evolução de nossa sociedade orienta para uma individualização maior dos comportamentos. As expectativas relativas à inserção numa atividade produtiva, ficam claras na afirmação de BECKER (1985;p. 48):

Em nossa cultura, a ocupação é uma das maiores expressões de status e da importância do indivíduo na sociedade. O jovem, apesar de suas preocupações com corpo, identidade, relações familiares e outros envolvimento importantes, geralmente demonstra que a escolha da profissão é um assunto prioritário para ele.

Contudo, apesar de conhecermos a importância da elaboração de projetos de vida para os sujeitos, devemos considerar que o objeto de estudo desta pesquisa constrói-se na articulação com a conjuntura social e econômica. Neste aspecto, não podemos deixar de evidenciar a preocupação apontada por OSÓRIO (1989) em relação aos projetos de vida dos jovens. Para o autor, o dilema existencial do jovem contemporâneo, independente da latitude em que se encontre ou do sistema sócio-político em que vive é:

Como fazer um projeto de vida num mundo paradoxalmente comprometido com um projeto de morte? Como desenvolver-se e arquitetar seu futuro numa sociedade autofágica, que se imola diuturnamente no altar dos deuses econômicos, configurando o absurdo holocausto da espécie que se aniquila a pretexto de assegurar sua própria sobrevivência? (p.38)

Assim, o que se pretende com essa pesquisa é trazer elementos que propiciem a elaboração de propostas pedagógicas transformadoras, as quais permitam o desenvolvimento de projetos de vida, sem que se negue o peso das estruturas sociais sobre os indivíduos.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROJETOS DE VIDA

O estudo que empreendemos parte da consideração de que o futuro projetado no exercício de elaboração dos projetos de vida dos jovens vem adquirindo significados socialmente produzidos e se transformando por meio da atividade e do pensamento do indivíduo.

O conceito de representação social, segundo GUICHARD (1993), é o que permite melhor aproximação do ponto de vista científico à questão do projeto e de sua elaboração.

BOUTINET (1990), evidencia que uma das particularidades do conceito de projeto é que se jogam no seu âmago duas ordens continuamente misturadas: a ordem do discurso encarregado de explicitar, de prescrever e de planificar e a ordem da ação, formalizada em intenções que em seguida são postas em prática. Ao explicitar pela linguagem as suas intenções, o projeto inscreve-se na gama das representações sociais que concretizam, o imaginário sociocultural ambiente e que procuram determinar um futuro realizável.

As representações sociais surgem de ocorrências do cotidiano social, e estão espalhadas na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais. Para SÁ (1998) as representações sociais são, por natureza, difusas, fugidias, multifacetadas e presentes em inúmeras instâncias da interação social.

Segundo MOSCOVICI (1978), é mais importante identificarmos a função a que uma representação social corresponde, do que as circunstâncias que reflete, na medida em que a representação contribui exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais.

Para o autor:

Perguntar quem produz uma representação, ciência, ideologia, tornou-se moeda corrente e remete *ipso facto* a um grupo, uma classe social, uma cultura, etc. Com efeito sob o ângulo da produção de origem coletiva ou individual, tanto a ciência como a representação, a técnica, como a ideologia não se diferenciam em absoluto... para qualificar uma representação social não basta definir o agente que a produz... para poder se apreender o sentido do qualitativo social é preferível enfatizar a função a que ela corresponde do que as circunstâncias e entidades que reflete (p. 76,77)

Assim, os projetos de vida, que se constituem como objetivos educativos e sociais, e a educação que se constitui em um lugar para fecundação de projetos, com sua função social, servem como instrumentos adequados às organizações das práticas sociais e como reguladores culturais, ao mesmo tempo em que buscam promover o comprometimento dos jovens com as suas próprias vidas.

HINKELAMMERT (1984) identifica o projeto de vida como processo e produto social. Segundo o autor, os projetos de vida aparecem no quadro das relações sociais como produtos do processo de produção humano, sendo concebidos como produtos sociais, produzidos pela divisão social do trabalho, por suas inter-relações e pela conexão que têm com as esferas da imaginação e dos sentimentos. Como processo social, integra de cada um à divisão social do trabalho, à distribuição da renda e o grau de satisfação das necessidades. Como produto social contém as condições de vida de todos e de cada um, conferindo a possibilidade da apropriação dos meios de produção por uns poucos ou por um grupo social, bem como a conseqüente redução dos outros à simples subsistência. Ainda para este autor: *“Na instância de cada um dos projetos de vida está o acesso aos meios materiais de*

vida, certamente o acesso à divisão do trabalho e à distribuição da renda que determina as possibilidades de vida de cada um". (p. 267).

Independente da vontade humana e da capacidade de realização, as condições materiais da possibilidade, cujo conjunto é o produto social, obrigam à seleção de projetos efetivamente enfocados e realizáveis: *"Havendo vontade, nem por isso existe o caminho para realização"* (p.264). Os projetos tecnicamente realizáveis só se tornam economicamente possíveis quando podem recorrer a um espaço nesse universo econômico do produto social e, portanto, quando podem contar com as condições materiais.

O autor procura esclarecer que o produto social não é estático, pois o trabalho humano pode aumentar sua própria produtividade e, desse modo, aumentar o âmbito dos projetos possíveis. Entretanto, o que HINKELAMMERT (1984) evidencia e que nenhuma tecnologia pode suprir a própria escassez de meios, de modo que, em qualquer nível do produto social, sempre aparece o condicionamento da escolha de fins pelas condições materiais da possibilidade.

Esta análise parece-nos relevante para o estudo que empreendemos e nos auxilia na compreensão da dinâmica de construção de projetos de vida. BOUTINET (1990), nesta mesma direção, sublinha que o projeto de vida não é por consequência redutível à posição de um objetivo e à determinação dos meios para atingi-los. Sua construção deve investigar sobretudo a representação de futuro que se inscreve numa ação.

Parece-nos, portanto, muito adequado investigar as representações sociais do tempo futuro projetado nos exercícios de elaboração dos Projetos de Vida dos jovens, também por entendermos que a expectativa dos jovens em relação ao seu futuro fazem parte do conhecimento adquirido no cotidiano social, no qual não só

apenas absorve o conhecimento como também o produz. O cotidiano social introjeta idéias do meio no jovem, idéias que fundamentarão suas ações.

3.1 Conceituação da Representação Social

Atualmente a Teoria das Representações Sociais encontra acolhida em várias áreas do conhecimento que buscam compreender os atores sociais em movimento, sendo a expressão entendida como o processo de assimilação da realidade pelo indivíduo, da integração de suas experiências e das informações sobre o objeto social que circulam no seu meio, bem como das relações que ele estabelece com os outros homens.

Campo emergente no âmbito da Psicologia Social nos últimos 30 anos, a Teoria das Representações Sociais surgiu no trabalho de MOSCOVICI (1978), intitulado *La Psychanalyse, son image et son public*.

MOSCOVICI (1978) buscou, em sua obra, identificar as representações sociais enquanto conceito e fenômeno social.

Críticas, entretanto, incidem sobre aspectos da própria teoria. As formulações dirigidas à teoria advêm de pesquisadores, de países anglo-saxões, que apontam a elasticidade do conceito e a falta de precisão teórica:

E as resistências se manifestam muitas vezes na crítica a ela feita, de que ela não oferece definições claras, não estabelece relações simples entre suas proposições, ou ainda que ela não enuncia hipótese que possam ser submetidas à verificação." MOSCOVICI (1994: p. 16)

MOSCOVICI (1994), conhecedor de tais críticas, contra argumenta afirmando que a sua intenção não foi determinar uma teoria completamente sólida e fechada, mas uma perspectiva que permita uma leitura dos mais variados fenômenos e objetos do mundo social. Considera ainda, que o que está em pauta é a relação entre os macro sistemas sociais e o sistema cognitivo de indivíduos socialmente situados.

O conceito de representação social, como afirma MOSCOVICI (1978), não é considerado de fácil apreensão, pois a dificuldade decorre de o conceito estar na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de uma série de conceitos psicológicos.

JODELET (1984), principal colaboradora e divulgadora do trabalho de MOSCOVICI, refletiu sobre aquilo que pareceu ser consensual entre os estudiosos deste campo, apresentando a seguinte definição para a Representação Social:

Representação Social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum de um conjunto social. (p.474)

Segundo SÁ (1998; p. 23), MOSCOVICI foi buscar na sociologia durkheimiana o primeiro abrigo conceitual. Apesar de partir do conceito de representações coletivas de Durkheim, considera que a abordagem daí decorrente não contempla a diversidade de modos de organização do pensamento, ainda que sejam todos sociais.

MOSCOVICI (1978), procurando o enquadramento teórico, ressaltou algumas premissas para diferenciar as Representações Sociais dos conceitos de mito, opinião e imagem. Para o autor, em primeiro lugar é necessário considerar que o

objeto está inscrito num contexto ativo e dinâmico e portanto: *“Não existe um corte dado entre o universo exterior e o universo do indivíduo (ou grupo), bem como sujeito e objeto não são absolutamente heterogêneos em seu grupo comum”* .(1978;p 48)

Um segundo aspecto, apontado por MOSCOVICI (1978), é que o sujeito, ao exprime sua opinião sobre um objeto, supõe-se que ele já se representou algo desse objeto: *“O sujeito constitui-se ao mesmo tempo que a sua atividade representativa pois, segundo a organização que ele se dê ou aceite do real, define-se a sua situação no universo social e material”* (1978;p 48). Um terceiro aspecto identificado pelo autor é que:

Se uma representação social é uma preparação para a ação, ela não o é somente na medida em que guia o comportamento do indivíduo, mas sobretudo na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar (p. 49)

Ainda fazendo um contraponto com os conceitos de mito, opinião e imagem, definidos pelas representações coletivas, os quais compreendem os grupos de maneira estática, enquanto utilizam e selecionam uma informação, o autor considera que:

As representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior. (p 50)

Em síntese, MOSCOVICI (1978) procurou enfatizar que as representações sociais não são apenas opiniões ou imagens, mas teorias coletivas sobre o real e proposições quanto a sua estrutura, configuram-se em três dimensões que devem ser consideradas:

- a *informação* que se refere aos conhecimentos que o indivíduo ou grupo tem a respeito de um objeto social;
- o *campo de representação* que diz respeito à organização hierárquica do conteúdo de uma representação;
- a *atitude* como dimensão em que a representação social fornece a orientação global para a ação.

3.2 Objetivação e Ancoragem - Processos Fundamentais de Elaboração da Representação Social

Os processos de objetivação e ancoragem se referem-se a elaboração e ao funcionamento de uma representação social.

Segundo MOSCOVICI (1978; p. 111) "*a objetivação faz com que se torne real um esquema conceitual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material*". Em sua definição "*objetivar é reabsorver um excesso de significações materializando-as*".

A objetivação consiste em transformar uma abstração – idéia ou conceito, em algo concreto. Refere-se portanto ao processo por meio do qual se cristaliza uma representação.

Segundo JODELET (1984), a objetivação pode ser decomposta em três fases: uma fase de *construção seletiva* na qual as informações que circulam sobre o

objeto sofrem uma seleção em função dos condicionantes culturais e de critérios normativos; uma segunda fase de esquematização que leva à *formação do núcleo figurativo*, ou seja, o momento em que uma estrutura de imagem reproduzirá de maneira visível a estrutura conceitual; e uma terceira fase que refere-se à naturalização. A naturalização diz respeito às figuras, os elementos do pensamento que se convertem em elementos da realidade.

O segundo processo, descrito por MOSCOVICI (1978), é a ancoragem. Este processo se refere ao enraizamento social da representação.

Segundo JODELET (1984; p. 485): *“opostamente à formação representativa, a ancoragem opera em referência a universo de sentido e de saberes pré-existentes, sobre os quais se apóia a construção representativa de todo objeto novo”*.

Para a autora, ancoragem se decompõe nas seguintes modalidades:

- a ancoragem como associação de sentido – a hierarquia de valores que se impõem na sociedade e seus diferentes grupos contribui para criar uma rede de significados;
- a ancoragem como instrumentalização do saber - esta modalidade confere um valor funcional para a interpretação, permitindo compreender como os elementos da representação intervêm na constituição das relações sociais.
- a ancoragem como enraizamento do sistema de pensamento - o pensamento constituinte se apóia sobre o pensamento constituído para organizar a novidade nos quadros antigos.

Assim, JODELET (1984), com base nos pressupostos de MOSCOVICI, destacou as modalidades que o processo de ancoragem busca compreender:

Como se confere o significado do objeto representado; a representação enquanto sistema de interpretação do mundo social, marco e instrumento de conduta; como se opera a integração dentro de um sistema de recepção e conversão dos elementos relacionados com a representação.. (p.486).

4. PROPOSTA METODOLÓGICA

Para a coleta de dados, nesta investigação, empregamos técnicas de análise que nos permitissem o acesso ao fenômeno de representação social estudado.

A análise das representações sociais, segundo FARR (1993, apud Sá, 1998), não privilegia nenhum método de pesquisa em especial, esta resulta de opções preferenciais do pesquisador por diferentes métodos, orientado pela conceituação e pela construção teórica, de modo que a teoria geral das representações sociais não se vincula obrigatoriamente ela própria a nenhum método. Para SÁ (1996;p. 99):

A pesquisa das representações sociais tem se caracterizado por uma utilização bastante criativa e diversificada de métodos e pelo desenvolvimento contínuo de novas técnicas, tanto no que se refere à coleta quanto ao tratamento dos dados.

4.1. Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento escolhido para acesso ao universo de significados pretendido foi um questionário composto por 12 questões abertas e fechadas. Optamos por questionário por considerarmos este instrumento mais viável frente ao universo de sujeitos a serem pesquisados.

Na elaboração do instrumento, procuramos considerar alguns aspectos que seriam relevantes para a análise. Nessa medida, foram elencados temas e objetivos, para, a partir destes, definirmos o roteiro a ser utilizado:

Tema	Objetivo
O ser jovem	Verificar a percepção que os sujeitos pesquisados possuem sobre os estilos de vida dos jovens, valores, crenças e condições sociais.
Sentimentos sobre os acontecimentos do passado, presente e os possíveis acontecimentos futuros	Identificar os sentimentos dos sujeitos pesquisados quanto as suas experiências no passado, presente e seu sentimento em relação ao futuro.
Orientação temporal	Verificar as referências temporais nas quais os sujeitos pesquisados apóiam suas representações.
Medos, desafios e esperanças.	Identificar os medos, os desafios e as esperanças dos sujeitos pesquisados.
Conteúdos presentes nas projeções de vida	Identificar a representação social de futuro presente nos exercícios de elaboração dos projetos de vida dos sujeitos pesquisados
O futuro	Identificar as imagens de futuro que os sujeitos pesquisados possuem e que condensam um conjunto de significados.

4.2 Os sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada com 73 jovens, alunos o Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP.

Atendendo aos critérios estabelecidos pelo SENAC/SP, os jovens participantes do Programa Educação para o Trabalho são oriundos de família com renda de até 4 salários mínimos, idade entre 14 e 18 anos e com escolaridade mínima de 6ª série do Ensino Fundamental. A maior parte desses alunos estuda no período noturno das escolas da rede estadual no Bairro dos Pimentas, Zona Leste de São Paulo e frequenta o Programa Educação para o Trabalho – SENAC/SP no período da manhã ou tarde, com carga horária semanal de 15 horas.

Caracterização dos Sujeitos da pesquisa:

Idade	Sexo	Escolaridade	Religião	Cor
14 anos 5,5%	Feminino 75%	8ª série 3%	Católica 52%	Negro/Pardo 58%
15 anos 33%	Masculino 25%	1ª série 34%	Evangélica 27%	Branco 38%
16 anos 34%		2ª série 47%	Sem religião 18%	
17 anos 19%		3ª série 16%	Espírita 3%	

Num total de 73 sujeitos, encontramos jovens cursando da 8ª série do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. Identificamos a maior concentração nas 1ªs e 2ªs séries do ensino médio.

Há maior proporção de jovens do sexo feminino (75%) do que de jovens do sexo masculino (25%). A média de idade está em torno de 15 e 16 anos (33% e

34%, respectivamente). As religiões com maior índice de adeptos são a católica e a evangélica e um índice significativo (18%) de jovens que declaram não ter religião. Os jovens pesquisados em sua grande maioria (58%) se declaram ser de cor negra/pardo

Ocupações Gerais dos Sujeitos pesquisados

Trabalho remunerado	5%
Curso de informática	6%
Atividades ligadas a grêmio estudantil	14%
Curso de espanhol	14%
Tarefas do lar	17%
Atividades ligadas a igreja	44%

Todos os jovens freqüentam a escola formal e o Programa Educação para o Trabalho. Além destas atividades, 26 jovens participantes da pesquisa destacaram 36 outras ocupações. Dentre estas, podemos perceber uma maior porcentagem de atividades ligadas à igreja, seguida por tarefas do lar, grêmio estudantil, curso de espanhol e informática promovidos pelo Sindicato dos Metalúrgicos da Cidade de Guarulhos. Uma pequena porcentagem exerce uma atividade remunerada.

Atividades de Lazer

Atividades culturais	3%
Atividades esportivas	48%
Entretenimentos (passelo ao shopping, assistir TV, ler revistas, etc)	49%